

**FESTAS DAS ÁGUAS, MEMÓRIAS NO PAPEL: AS MANIFESTAÇÕES
AFRO-SOTEROPOLITANAS E A IMPRENSA, 1930-1940**

André Luiz Rosa Ribeiro

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

alrribeiro@uesc.br

Em um momento em que estamos vivenciando a desarticulação das políticas públicas direcionadas aos afrodescendentes e à sua afirmação cultural, que incluem leis que exigem o estudo de História da África e da Cultura Afro-Brasileira, cabe nos perguntar como a questão está posta em uma das maiores comunidades negras das Américas: a Cidade do Salvador – Bahia, na primeira metade do século XX. Momento em que as principais festas populares, com amplo protagonismo das comunidades de terreiro, ganham uma maior visibilidade tanto pelas páginas da imprensa local, quanto pelas pesquisas pioneiras no campo das Ciências Sociais no Brasil e nas Américas.

Civilizações trazidas pelo Atlântico foram fundamentais no processo de trocas culturais entre a África e as Américas. Forjando uma continuidade transatlântica de práticas de origem, de conteúdos materiais e culturais presentes na busca de uma ancestralidade, especialmente nas comunidades de terreiro. Para Santos (2016), “os terreiros foram e continuam sendo centros continuadores civilizatórios, irradiando um complexo processo transatlântico”.

Os estudos sobre a população africana, no Brasil, tem como seu principal fundador Raimundo Nina Rodrigues, cujas pesquisas analisavam o negro mediante a abordagem racial e religiosa (RODRIGUES, 2014 e 1977). Com seus estudos sobre o negro brasileiro Nina objetivava ordenar e orientar o pensamento sobre a sociedade brasileira, visando apontar práticas de controle social (DANTAS, 1988). Com o declínio do paradigma racial evolucionista, o conceito de raça foi substituído pelo de cultura, aplicado especialmente nos estudos sobre a religiosidade de matriz africana (SILVA, 2008). Na Bahia temos como uma das principais referências Manuel Querino (2013 e 1955), que produziu um a importante obra sobre o universo afro-baiano, entre as décadas de 1900 e 1920, período que antecede o recorte temporal da pesquisa. Vários autores contribuíram para consolidar

a abordagem cultural a partir dos anos 1930, dentre os quais: Artur Ramos (1943; 1979; 2001), Edison Carneiro (1937; 1966; 1978), Ruth Landes (2002), Roger Bastide (1945; 1958; 1971) e Pierre Verger (2002; 2012), cujas obras contribuíram fundamentalmente para a formação de uma memória sobre a religiosidade afro-baiana. Muitos destes autores, acima citados, colaboraram com a imprensa soteropolitana atuando como jornalistas ou mediante artigos e entrevistas concedidas abordando o tema da pesquisa.

Partindo dessas indicações, a pesquisa analisa as festas populares afro-baianas e sua interlocução com as narrativas da imprensa soteropolitana, textos e imagens fotográficas, tendo como fontes privilegiadas o conjunto de textos e imagens fotográficas sobre as manifestações afro-soteropolitanas, produzido por repórteres, acadêmicos e líderes religiosos, presente nos jornais O Estado da Bahia e O Imparcial, de ampla circulação no período de estudo, cujas coleções compõem o acervo hemerográfico da Biblioteca Pública do Estado da Bahia – Seção Raros. O estudo das fontes hemerográficas possibilitou apreender a homogeneidade e descontinuidade das ideias formadas ao longo das gerações, haja vista que, o sentido social presente na memória, reforça o fator de diferenciação estabelecido entre os grupos dominantes por fronteiras socioculturais formadas pelas interpretações do passado (POLLAK, 1989). A memória impõe filtros e seleções sobre o que lembrar e esquecer e influencia o sistema de representações sociais, resultando em uma construção histórica que ao final busca unificar mediante uma possível essência (BOSI, 1994). Ao historiador cabe compreender o modo como essa construção se enraíza socialmente e “apaga” as referências preexistentes (HOBSBAWN, 1998).

A pesquisa da iconografia dos jornais baianos, dos fins do século XIX à primeira metade do século XX, é um campo ainda a ser explorado devido à escassez de pesquisas históricas sobre um tema relevante, pois para além da sua dimensão plástica, as imagens nos põem em contato com os sistemas de significação da sociedade e com seus imaginários, sentimentos e atitudes (BURKE, 1990; HUNT, 1992). As fontes selecionadas foram avaliadas a partir da hipótese que os discursos presentes colaboraram na formação de memória sobre as manifestações religiosas afro-baianas. O termo discurso é aqui considerado a partir da compreensão da linguagem enquanto prática social. Os discursos não somente representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as

constituem, e “posicionam as pessoas de diferentes maneiras como sujeitos sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22).

Em relação à imprensa, o funcionamento das suas estratégias discursivas deve ser discutido com base na análise dos discursos sociais e nas perspectivas teóricas sobre as práticas discursivas mediáticas (PINHEIRO, 2015). A escolha de acervos hemerográficos como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como “instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”, negando-se a ideia da imprensa “como veículo neutro isolado da realidade social e cultural na qual se insere” (CAPELATO & PRADO, 1980, p. 19). As fontes, interpretadas como produtoras de memória, são entendidas como expressões mediadoras das experiências sociais em dado momento histórico, com intuito de perceber as mudanças ou as manutenções dos discursos sobre o tema de pesquisa na primeira metade do século XX. Essa abordagem possibilitará, em fase posterior da pesquisa, a análise comparativa dos esquemas narrativos. Neste sentido, “uma das contribuições mais promissoras da análise do discurso em relação aos estudos de jornalismo é a reflexão acerca do acontecimento” (FERREIRA, 2003, p. 276). Como exemplo, o II Congresso Afro Brasileiro, realizado em Salvador no ano de 1937. A Bahia testemunhou pela primeira vez a cobertura pela imprensa local de um evento sobre a cultura e religiosidade negras. O evento foi amplamente coberto pelo Estado da Bahia, devido à influência de Edison Carneiro e Aydano do Couto Ferraz que participavam dos seu quadro de colaboradores.

Pensar o sentido do acontecimento é compreender o sentido dado mediante a sua interpretação (LAMIZET, 2006). A notícia seria, então, representação social da realidade produzida institucionalmente. Trata-se de entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias e “requer ser trabalhada como tal, desvendando as relações imprensa / sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que essa relação propõe” (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 260). A imprensa não deve ser tomada como expressão de realidades passadas, mas como uma prática constituinte da realidade social, “que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais” (MACIEL, 2004, p. 15), pois sua linguagem é capaz de

desvelar o nível básico das relações sociais existentes em um determinado período histórico (LUCCA e MARTINS, 2006).

Quanto ao estudo das imagens fotográficas, é possível uma abordagem em relação à legitimação de representações sociais e atribuição de valores. O simbolismo presente nas fotografias se converte em uma chave para perceber-se a circulação de ideias, assim como a mudança na sensibilidade social em relação ao espaço trazida pela modernidade e pela sociabilidade burguesa (BITTENCOURT, 2006, p. 201). A imagem, significando representação feita pelo homem, deve ser vista primordialmente como mediação entre o ser humano e a sociedade. “Uma vez que o seu instrumental é manejado pelo homem, as imagens tendem a ser transformadas por aqueles que a executam”, pois, o autor seleciona, “mesmo que inconscientemente, as partes que integraram a imagem como um todo” (OLSZEWSKI FILHA, 1989, p. 11). De tal maneira, a imagem fotográfica está historicamente vinculada ao controle dos meios técnicos de produção cultural que, até meados do século XX, era quase uma exclusividade de setores das classes dominantes (SOUSA, 1990).

A imagem fotográfica pauta-se em “códigos convencionalizados socialmente, possuindo um caráter conotativo” que remete ao contexto na qual está inserida. Ou seja, deve-se inserir a fotografia no “panorama cultural” no qual foi produzida e “entende-la como uma escolha realizada de acordo com uma visão de mundo” A fotografia, então, passa a ser uma “mensagem que se processa através do tempo”, tanto como documento como monumento. Concebida como monumento a fotografia possibilita ao pesquisador uma avaliação para além do meramente descritivo e passa a estudá-la como agente do processo de criação de memória e também do esquecimento (sobre o assunto ver CARDOSO e MAUAD, 1997, p. 406; e LE GOFF, 1985).

A escrita etnográfica contribuiu, na Bahia, para consolidar modelos, mediante a cristalização dos seus traços culturais como expressão de africanidade. O processo histórico de valorização da cultura negra, particularmente a ioruba, ajudou a demarcar diferenças regionais, já que era no Nordeste, com mais clareza na Bahia, que os africanismos eram vistos possuindo maior legitimidade. E o fato de ser Salvador uma das principais cidades do Nordeste e capital da Bahia, ajudou a construir um

“soteropolitanismo” quanto ao prestígio dos seus terreiros e suas manifestações culturais em relação aos demais de outras regiões da Bahia e do Brasil. A partir da década de 1930, a imprensa soteropolitana inicia um processo de relativização do olhar negativo sobre as manifestações culturais da população negra, especialmente com a realização do II Congresso Afro-Brasileiro, em 1937, conforme citação acima. Pela primeira vez a Bahia testemunhou a cobertura jornalística de um evento sobre a cultura e religiosidade negras, realizada pelo jornal *O Estado da Bahia* por iniciativa de Edison Carneiro. Neste período, os terreiros executariam, segundo Ferraz (1959), uma reação organizada, no sentido da construção de uma imagem positiva dos seus cultos e manifestações culturais. Essa “herança africana” escalona o prestígio entre os terreiros e aqueles que os pesquisam (DANTAS, 1988).

Vários estudos anteriores analisaram as obras teóricas do período e fazem a crítica sobre sua influência sobre a produção do conhecimento sobre as religiosidades negras na Bahia, entre as quais, CAPONE (2009); CASTILLO (2011 e 2008); PARÉS (2010) e REIS (2001), sem, no entanto, explorarem as possíveis aproximações, assim como distanciamentos, com os textos jornalísticos como tema principal. Os discursos presentes nas fontes bibliográficas seriam, então, moldados pelas identidades, relações sociais e sistemas de conhecimentos e crenças dos seus autores. De tal forma, possibilitam a observação privilegiada das práticas sociais e teorias científicas que contribuíram para a sua construção (KRIEG-PLANQUE, 2008). Portanto, esta análise possui um caráter interdisciplinar, havendo um claro diálogo com outras disciplinas respeitando-se as especificidades do campo histórico, como apontado por Cardoso e Vaínfas (1997). Pois, uma das maneiras de se aproximar-se à noção de discurso ou narrativa, é considerá-la como uma forma, entre outras, de comportamento humano, “um comportamento representativo a serviço da comunicação entre seres humanos” (CARDOSO, 1997).

Os textos presentes nos jornais selecionados, estabelecem e mantêm relação direta com os processos e mecanismos que balizam questões ligadas ao contexto social e cultural no período histórico da sua produção. É, portanto, fundamental avaliar o seu papel para a construção e legitimação de representações sociais, valores e imagens da cultura afro-baiana no reconhecimento da atribuição de sentidos sobre a religiosidade negra na

primeira metade do século XX (BAHIA, 2009). Há, definitivamente, uma abordagem ambígua por parte da imprensa em relação às manifestações culturais de origem da população negra de Salvador. Acontece uma gradativa valorização de determinados aspectos culturais mais exteriores, geralmente presente nas festas populares, como a religiosidade, a estética, a culinária, a música e a capoeira. No que se refere ao aspecto do culto nos terreiros ocorre uma diferenciação entre os terreiros menos conhecidos, acusados de praticar “curandeirismo” e “baixo espiritismo”; e os mais conhecidos e frequentados por intelectuais e pesquisadores profissionais nacionais e estrangeiros, mais respeitados e cuja ação do Estado não se manifestava em formas repressivas (invasões, prisões, apreensões de objetos de culto).

Percebemos que existem alguns períodos em que houve um maior volume de material jornalístico favorável às manifestações ligadas ao povo de terreiro, como na divulgação de eventos de caráter acadêmico (congressos e palestras) com a presença cada vez maior de estudiosos de renome nacional e internacional. E também em relação à divulgação mais ampliada das festas de largo relacionadas a alguns dos principais orixás, e todas relacionadas de alguma forma ao elemento água, como a do Presente, a Lavagem do Bomfim, a da Conceição da Praia ou a de Santa Bárbara. Tais festas possuem uma associação com identidades territoriais de grupos e comunidades localizadas próximas ao mar. Daí a importância de investigar as formas pelas quais as festas acima citadas seriam capazes de ativar a memória e atar vínculos afetivos e religiosos (TAVARES & BASSI, 2015). Considerando o simbolismo das festas é fundamental perceber como as mesmas movimentam ou recuperam memória de grupos ou instituições, mediante as danças, a música, ritmos e aspectos cênicos. Nos relatos jornalísticos encontramos indicações sugestivas das especificidades da cartografia festiva religiosa ligada ao mar ou as águas doces, que compreende os locais e as trajetórias das procissões.

Nessas festas é possível perceber um sentimento de pertencimento aliando religiosidade e territorialidade em que, ao mesmo tempo, funciona como resistência à concepção de “domesticação” pela administração pública municipal e pela igreja católica. À medida que a circulação pelo trajeto passa a ser ampliada com a de outros grupos sociais atraídos pela propaganda oficial ligada aos interesses de consumo turístico. Os

aspectos tradicionais sofrem a interferência das incipientes públicas municipais na área cultural, assim como pelo surgimento gradual de uma identidade da Cidade do Salvador vinculada às matrizes africanas. No período estudado as práticas culturais populares, ligadas às festividades, estavam sofrendo uma padronização do que era entendido por “culturas negras” (MATOS, 2015). No aspecto religioso de determinada cultura, “as populações subalternas fazem de ações rituais, que lhe são impostas outra coisa que não aquela que os grupos dominantes e os seus aliados gostariam” (SILVEIRA, 2015, p. 52). Para esta autora, apesar da imposição de significados e sentidos religiosos por parte da população de origem europeia, “as populações de origem africana possuem suas próprias estratégias interpretativas preexistentes” (SILVEIRA, 2015, p. 55). Couto (2010) informa que, em geral, as festas eram compostas por três etapas que davam conta dessa complexidade: os ritos católicos (missa e procissão), festa de largo (samba de roda, roda de capoeira e comércio de comidas e bebidas) e ritos do candomblé (cerimônias religiosas nos terreiros). Conforme Sousa (2003), as religiões possuem mecanismos próprios que lhe permitem sobreviver e manter sua memória em um processo dinâmico de ressignificação das matrizes culturais de origem.

Nos jornais, as antigas tradições fazem parte do novo cenário de valorização das manifestações afro-soteropolitanas. As notícias sobre as festas populares dão destaque às expressões culturais do povo de terreiro, sobrepondo os ritos litúrgicos romanos de feição mais interna aos templos. Ao tratar das festas afro-soteropolitanas é possível entendê-las enquanto modelos que foram possíveis mediante a preservação de elementos que sobreviveram à travessia do Atlântico na memória dos indivíduos. Para Certeau (2007), a cultura popular é constituída por inúmeras maneiras de jogar/desfazer. A mediação simbólica da festa aproxima os ritos católicos romanizados e os das culturas africanas da diáspora, retrabalhadas no Brasil, os quais contribuíram para a constituição de uma identidade afro-baiana no campo religioso. A produção de sentidos e a transmissão oral fortalecem as relações de solidariedade e reciprocidade entre as pessoas e as divindades.

À medida em que a valorização da cultura afro-soteropolitana acontece, há um crescente interesse por parte dos setores sociais mais abastados e de influência claramente europeia, especialmente as festas de largo e cerimônias religiosas do calendário litúrgico

dos terreiros de candomblé. As fotos que ilustram as reportagens sobre as chamadas festas de largo passam a representar positivamente as suas figuras icônicas: “baianas” com seus tabuleiros ou barracas, pescadores, capoeiras e líderes religiosos, reforçando o sentimento de prestígio, em clara diferença com outros tipos de abordagens negativas, nas quais pessoas ligadas aos terreiros eram ligados à patologias mentais, à curandeirismo e representantes de um “problema social”. Portanto, como defende Santos (2003, p.19), é fundamental compreender as relações que os africanos e africanas e seus descendentes estabeleceram no intuito de reconstituir uma “africanidade” dispersa pela diáspora.

Referências

BAHIA, J. P. D. **Ser baiano: na medida do Recôncavo. O jornalismo regional como elemento formador de identidade.** Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade), Salvador, UFBA, 2009.

BASTIDE, R. **O candomblé da Bahia: rito nagô.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001 (1958).

_____. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora / Universidade de São Paulo, 1971 (1960).

_____. **Imagens do Nordeste místico em branco e preto.** Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1945.

BITTENCOURT, L. A. *Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica.* In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (Orgs.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

BOSI, E. **Memória e Sociedade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, P. (Org.). **A escrita da História.** São Paulo: UNESP, 1990.

CAPELATO, M. H. e PRADO, M. L. **O bravo matutino.** São Paulo: Alfa-Romeu, 1980.

CAPONE, S. **A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil.** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria / Pallas, 2009.

CARDOSO, C. F. **Narrativa, sentido, história.** Campinas-SP: Papirus, 1997.

_____. e MAUAD, A. M. *História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema.* In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. **Domínios da História: ensaios de metodologia.** Rio de Janeiro: Campus; Elviesier, 1997.

CARNEIRO, E. **Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978 (1948).

_____. **Religiões negras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966 (1936).

_____. **Negros bantos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

CASTILLO, L. E. **O terreiro do Alaketu e seus fundadores: história e genealogia familiar, 1807-1867**. Revista Afro-Ásia, Salvador, n. 43, 2011, p. 213-257.

_____. **Entre a escrita e a oralidade: a etnografia dos candomblés da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2008.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

COUTO, E. **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)**. Salvador: EDUFBA, 2010.

CRUZ, H. de F. e PEIXOTO, M. do R. da C. **Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa**. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p 255-272, dez. 2007.

DANTAS, B. G. **Vovô nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: EdUnB, 2001.

FERRAZ, A. do C. **Volta à África**. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, São Paulo, v. LXI, 1959.

FERREIRA, G. M. *Contribuições da análise do discurso ao estudo de jornalismo*. In: FRANÇA, V. et all (Org.). **Estudos de Comunicação**. Porto Alegre: SULINAS, 2003.

HOBBSAWM, E. **A questão do nacionalismo**. Lisboa: Terramar, 1998.

HUNT, L. (Org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KRIEG-PLANQUE, A. *La notion d' "observable em discours"*. In: BURGUER, M. **L'analyse linguistique des discours médiatiques**. Montreal: Nota Bene, 2008.

LAMIZET, B. **Sémiotique de l'événement**. Lavoisier: Paris, 2006.

LANDES, R. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002 (1947).

LE GOFF, J. **Documento/Monumento**. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Casa da Moeda, 1985, v. 1.

LUCA, T. R. e MARTINS, A. L. **Imprensa e cidade**. São Paulo: UNESP, 2006.

MACIEL, L. A. *Produzindo notícias e histórias*. In: FELENON, D. et all. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

MATOS, A. N. *Festividades e cultura popular em Ilha do Paty*. In: TAVARES, F. & BASSI, F. **Festas na baía de Todos os Santos: visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades**. Salvador: EDUFBA, 2015.

OLSZEWSKI FILHA, S. **A fotografia e o negro na cidade do Salvador, 1840-1914.** Salvador: EGBA; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1989.

PARÉS, N. **O mundo atlântico e a constituição da hegemonia nagô no candomblé baiano.** Revista esboços, n. 17, 2010.

PINHEIRO, L. S. de L. **A construção do conhecimento histórico: o discurso do Jornal O Estado de São Paulo sobre a guerra de Canudos e sobre as comemorações do seu centenário.** Salvador: EDUFBA, 2015.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento e silêncio.** In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

QUERINO, M. **A raça africana.** Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955 (1916).

_____. **O colono preto como fator de civilização brasileira.** Salvador: P55 Edições, 2013 (1918).

RAMOS, A. **O negro Brasileiro.** Rio de Janeiro: Grafia, 2001 (1934).

_____. **As culturas negras no novo mundo.** São Paulo: Editora Nacional, 1979.

_____. **Introdução à Antropologia Brasileira.** v. 1. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1943.

REIS, J. J. *Candomblé in nineteenth-century Bahia: priests, followers, clients.* In: MANN, K. & BAY, E. (Orgs.). **Rethinking the African diaspora.** London: Frank Cass, 2001, pp. 116-134.

RODRIGUES, R. N. **O animismo fetichista dos negros baianos.** Salvador: P55; Fundação Pedro Calmon, 2014 (1935).

_____. **Os africanos no Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977 (1933).

SANTOS, J. E. dos. **Sángò.** Salvador: Corrupio, 2016.

SILVA, V. G. da. **Religião e etnicidade.** In: PINHO, A. O. e SANSONE, L. (Orgs.). *Raça: novas perspectivas antropológicas.* Salvador: EdUFBA, 2008.

SILVEIRA, W. *Um natal brasileiro: a produção de sentidos no baile pastoril da queimada da palhinha.* In: TAVARES, F. & BASSI, F. **Festas na baía de Todos os Santos: visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades.** Salvador: EDUFBA, 2015.

SOUSA, A. M. M. de. **A produção da fotografia e o controle de códigos de representação sociais pela classe dominante na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX.** Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 1990.

SOUSA, W. C. de. **Orixás, santos e festas.** Salvador: EdUNEB, 2003.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

TAVARES, F. & BASSI, F. **Festas na baía de Todos os Santos:** visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades. Salvador: EDUFBA, 2015.

VERGER, P. **Notas sobre o culto dos orixás e voduns:** na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África. São Paulo: EDUSP, 2012 (1957).

____. **Orixás:** deuses iorubas na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio, 2002 (1951).